

BRUNONIA BARRY

A PROMESSA

Tradução de Maria Correia



PORTO EDITORA

Primeira Parte

A Vidente das Rendas deverá fixar o olhar na peça rendada até o padrão se tornar indistinto e o rosto da Perseguidora desaparecer completamente por detrás do véu. Quando os olhos começarem a marejar-se de lágrimas e a paciência há muito se tiver esgotado, surgirá o vislumbre de algo que mal se deixa entrever.

Nesse instante, começará a formar-se uma imagem... no espaço entre o real e o que é meramente imaginário.

MANUAL DA VIDENTE DAS RENDAS

Capítulo 1

Chamo-me Towner Whitney. Não, não é propriamente verdade. O meu verdadeiro nome próprio é Sophya. Nunca acreditem em mim. Minto a toda a hora.

Sou uma louca... Esta última parte é verdade.

O meu irmão mais novo, Beezer, mais amável do que eu, diz que a loucura é genética. *Descendemos de cinco gerações de loucos*, diz ele, como se se tratasse de uma insígnia que tivesse orgulho em usar, embora admita que talvez eu tenha ido mais longe do que ninguém.

Até eu aparecer, a família Whitney era aquilo a que a cidade de Salem ternamente se referia como «excêntrica». Quem pertencia a uma das famílias de fortuna antiga de Salem, mesmo que essa fortuna há muito tivesse desaparecido, nunca era apelidado de «louco». Talvez fosse considerado «invulgar» ou mesmo «esquisito», mas a palavra indiscutivelmente preferida para definir tal condição era «excêntrico».

Ao longo de gerações, os homens da família Whitney tornaram-se famosos pelas suas excentricidades: dos capitães dos mares e barões da indústria até ao meu irmão mais novo, Beezer, bem conhecido nos meios científicos pelos artigos que escreve sobre física de partículas e a Teoria das Cordas.

O nosso trisavô, por exemplo, aproveitou a arrasadora obsessão que tinha pelos pés das senhoras para construir uma carreira brilhante como barão da indústria no próspero ramo do calçado, em Lynn, criando uma

empresa que passou de geração em geração, até à do meu avô, G. G. Whitney. O nosso tetravô, legítimo capitão, tinha uma queda para cheirar canela que muitos consideravam obsessiva. Acabou por formar uma frota mercantil dedicada ao comércio de especiarias que percorreu o globo e fez de Salem um dos mais ricos portos do Novo Mundo.

Contudo, é comumente aceite que foram as mulheres da família Whitney que levaram a excentricidade a uma nova dimensão. A minha mãe, May, por exemplo, é um paradoxo ambulante. Vivendo quase como uma eremita que (com excepção das vezes em que esteve presa) não saía da sua casa na Ilha do Cão Amarelo há já quase vinte anos, May conseguiu, apesar disso, revitalizar a indústria das rendas, há muito extinta, e tornar-se famosa pelo caminho. Conquistou uma notoriedade considerável por resgatar mulheres e crianças maltratadas e fazer com que a vida delas desse uma volta, oferecendo a essas mulheres um lugar na empresa de rendas que geria e educando-lhes os filhos em casa. Tudo isto cortesia de uma agorafóbica furiosa que, num rasgo de generosidade, dera um dos próprios filhos a Emma, a meia-irmã que era estéril, porque, como na altura dissera, era necessário, e, além disso, fora abençoada com um naípe completo.

A minha tia-avó Eva, que é mais minha mãe do que May alguma vez foi, é igualmente estranha. Com bem mais de oitenta anos e gerindo ainda o próprio negócio, Eva tem fama de brâmane de Boston¹ e de bruxa de Salem ainda que, na verdade, não seja uma coisa nem outra. O que Eva é mesmo é uma unitarista² da velha guarda com tendências transcendentalistas. Cita as Escrituras com o mesmo fôlego com que cita Emerson e Thoreau. Contudo, nos últimos anos, Eva tem falado apenas por frases feitas, como se o uso de metáforas esgotadas possa, de alguma

¹ N. T.: As famílias Brâmanes de Boston, também designadas por «Primeiras Famílias de Boston», são a classe de famílias da Nova Inglaterra, cujo centro cultural e comercial é Boston, herdeiras da cultura dos Protestantes ingleses que fundaram a cidade de Boston, no Massachusetts, fundando, assim, a Nova Inglaterra. São consideradas parte do núcleo histórico do *establishment* da East Coast, assim como com outras prósperas famílias de Nova Iorque e de Filadélfia. É uma população socialmente liberal, mas financeiramente conservadora, com preponderância de algumas famílias, os chamados «Brâmanes de Boston», como os Kennedy (de origem irlandesa).

² N. T.: Unitarista é um cristão que acredita apenas em Deus e não na Trindade; partidário da unidade em matéria política.

forma, afastá-la das consequências inevitáveis daquilo que é paga para prever.

Durante trinta e cinco anos da sua vida, Eva dirigiu um salão de chá exclusivo para senhoras e deu, com êxito, lições de etiqueta às crianças abastadas da zona de North Shore, em Boston. Eva será, porém, recordada pela sua misteriosa capacidade de ler nas rendas. Chegam pessoas de todo mundo para a consultarem e ela consegue revelar-lhes o passado, o presente e o futuro com bastante exactidão, bastando-lhe, para isso, segurar-lhes a renda à frente e semicerrar os olhos.

De uma forma ou outra, todas as mulheres da família Whitney são videntes. A minha irmã gémea, Lyndley, afirmava não conseguir ler nas rendas, mas nunca acreditei nela. Da última vez que tentámos, viu a mesma coisa que eu no padrão rendilhado e o que vimos, nessa noite, levou-a ao encontro das escolhas que acabaram por matá-la. Quando Lyndley morreu, jurei nunca mais olhar para uma peça de renda.

Esta é uma das poucas coisas em que eu e Eva sempre discordámos veementemente. «Não era a renda que estava errada», insistia ela sempre. «Foi a interpretação da vidente que falhou.» Sei que é para me fazer sentir melhor. Eva nunca diz nada para magoar intencionalmente. Eu e Lyndley, porém, interpretámos a renda da mesma maneira, naquela noite, e, embora as nossas escolhas pudessem ter sido diferentes, nada do que Eva diga poderá trazer a minha irmã de volta.

Depois da morte de Lyndley, tive de deixar Salem e fui parar à Califórnia, que era o mais longe que podia ir sem cair do extremo da terra. Sei que Eva quer que eu volte para Salem. Diz que é para o meu próprio bem. Não consigo, porém, fazê-lo.

Há pouco tempo, quando fui submetida a uma histerectomia, Eva enviou-me o seu rebolo, o mesmo que usa para fazer as rendas. Foi entregue no hospital.

– O que é isto? – perguntou a minha enfermeira, erguendo-o e olhando para os bilros, assim como para a peça de renda inacabada que ainda trazia presa a ele. – Uma almofada qualquer?

– É uma almofada de rendeira – respondi. – Para fazer renda de Ipswich.

Fitou-me inexpressivamente. Vi que ela não fazia ideia do que dizer.

Não se assemelhava a nenhuma almofada que ela já tivesse visto. E que raio seria a renda de Ipswich?

– Experimente apertá-la contra as suturas, se tiver vontade de tossir ou de espirrar – disse ela, por fim. – É para isso que usamos as almofadas, por aqui.

Palpei o rebolo até encontrar a bolsa secreta que nele estava escondida. Enfiei lá os dedos, procurando um bilhete. Nada.

Sei que Eva tem esperança em que eu volte a ler nas rendas. Acredita que a decifração das rendas é um dom de Deus e que devemos honrar as dádivas que nos são concedidas.

Imagino o bilhete que ela poderia ter escrito: «*A quem muito foi dado, muito será exigido*», (Lucas, 12:48). Ela costumava citar este excerto das Escrituras como prova.

Eu consigo ler nas rendas e consigo ler os pensamentos dos outros, apesar de não ser algo que me esforce por fazer; é algo que apenas acontece, por vezes. A minha mãe consegue fazer ambas as coisas, mas, com o passar dos anos, May tornou-se uma mulher prática que acredita que saber o que vai na cabeça das pessoas ou conhecer o seu futuro nem sempre é o melhor para ninguém. Este será, talvez, o único aspecto em que eu e a minha mãe sempre estivemos de acordo.

Quando saí do hospital, roubei a fronha de uma das almofadas de lá. Tinha a marca do Hospital Presbiteriano de Hollywood impressa de ambos os lados. Enfiei lá dentro o rebolo, escondendo os fios, a renda, os bilros que, semelhantes a ossos, balançavam como pequeninos pêndulos de Poe.³

Se existia um futuro para mim, e eu ainda não tinha a certeza de que assim era, não ia arriscar-me a lê-lo nas rendas.

³ N. T.: Referência ao pequeno conto de Edgar Alan Poe, *O Pêndulo e o Poço*.